

**INVENÇÃO NO COTIDIANO PELO PROCESSO DE
TERRITORIALIZAÇÃO:
uma vivência adversa às normas da sociedade**

**DAILY INVENTION THROUGH TERRITORIALITY PROCESS:
an adverse livingness to society rules**

**LA INVENCION EN LA VIDA COTIDIANA A TRAVÉS DEL PROCESO DE
TERRITORIALIZACIÓN:
una experiencia adversa a las normas de la sociedad**

Suélen Machado

Doutoranda no Programa de Educação da UNICENTRO. Docente no departamento de Secretariado Executivo - UNICENTRO. Guarapuava – Paraná- Brasil.

E-mail: su.machado@hotmail.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7245-2984>

Juliane Sachser Angnes

Doutora em Educação. Docente no departamento de Secretariado Executivo, Programa de Pós-graduação em Administração e no Programa de Pós-graduação em Educação.

E-mail: julianeangnes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4887-7042>

RESUMO

A sociedade é uma grande teia, formada por distintas organizações e, conseqüentemente, sujeitos das mais diversas identidades e competências. Portanto, apresentamos um personagem nada comum ao *corpus* de pesquisas institucionalizadas pela área de ciências sociais aplicadas, que em sua maioria, privilegiam estudos que possam apresentar resultados para melhor desempenho econômico. De modo adverso, evidenciamos João, um missionário indonésio, que se tornou vigário no Brasil. João faz parte da Congregação do Verbo Divino, pautada sob três votos, pobreza, castidade e obediência. Assim, relacionamos sua vida ordenada à luz da teoria de Michel de Certeau (2008) no que tange ao seu cotidiano, para enfatizar as práticas que determinam a construção da sua territorialidade (RAFFESTIN, 1993). Por meio de uma abordagem qualitativa com a utilização do método da história oral, o estudo possui o objetivo de compreender o cotidiano de um homem ordinário na concepção de Certeau, partindo de sua identidade, oriunda da Indonésia, à sua territorialização brasileira. Neste sentido, foram realizadas três entrevistas em profundidade com o missionário em ordem cronológica. Tais entrevistas se propuseram em compreender: a) sua vivência na Indonésia; b) seu processo de transição para o Brasil; c) e, seu trabalho como vigário em uma cidade no interior do Paraná. Os resultados da análise de seu discurso trouxeram à tona uma história subordinada aos mandamentos de ordem e disciplina, mas que se utiliza de táticas para contornar as estratégias impostas pela organização religiosa.

Palavras-chave: Territorialidade; homem ordinário; cotidiano.

ABSTRACT

The society is a big web, made by many distinct organizations and, consequently, subjects from different identity and skills. Therefore, we present a character who is unusual to researches *corpus* institutionalized by applied social science, which in their majority, favor studies that might show results to aim better economic performance. Adversely, we indicate João, an Indonesian missionary, who became vicar in Brazil. João makes part of *Congregação do Verbo Divino*, guided under three vows, poverty, chastity and obedience. Thus, we relate his ordered life through Michel de Certeau (2008) theory related to his daily, to emphasize practices that establish the building of his territoriality (RAFFESTIN, 1993). Therefore, it was used a qualitative approach with an oral history method, the research aims to comprehend the daily of an ordinary man by Certeau conception, starting with his identity, deriving from Indonesia, to his Brazilian territoriality. In this regard, we made three deep interviews with the missionary in a chronologic order. These interviews propose to understand: a) his livingness in Indonesia; b) his transition process to Brazil; c) and, his job as vicar in a country city of Paraná. The results of his speech bring in evidence a subordinate life under order commandments and discipline, but which uses tactics to circumvent the strategies imposed by the religious organization.

Keywords: Territoriality; Ordinary man; Daily.

RESUMEN

La sociedad es una gran red, formada por diferentes organizaciones y, en consecuencia, sujetos con las más diversas identidades y competencias. Por lo tanto, presentamos un carácter que no es común en el corpus de investigaciones institucionalizadas en el área de las ciencias sociales aplicadas, las cuales, en su mayoría, privilegian estudios que puedan brindar resultados para un mejor desempeño económico. Contrariamente, evidenciamos a João, un misionero indonesio, que se convirtió en vicario en Brasil. João forma parte de la Congregación del Verbo Divino, basada en tres votos, pobreza, castidad y obediencia. Así, relacionamos su vida ordenada a la luz de la teoría de Michel de Certeau (2008) sobre su cotidiano, para enfatizar las prácticas que determinan la construcción de su territorialidad (RAFFESTIN, 1993). A través de un enfoque cualitativo utilizando el método de la historia oral, el estudio tiene como objetivo comprender la vida cotidiana de un hombre común en la concepción de Certeau, a partir de su identidad, originario de Indonesia, a su territorialización brasileña. En este sentido, se realizaron tres entrevistas en profundidad al misionero en orden cronológico. Tales entrevistas propusieron comprender: a) su experiencia en Indonesia; b) su proceso de transición a Brasil; c) y, su trabajo como vicario en una ciudad del interior de Paraná. Los resultados del análisis de su discurso sacaron a la luz una historia subordinada a los mandamientos del orden y la disciplina, pero que utiliza tácticas para eludir las estrategias impuestas por la organización religiosa.

Palabras llave: Territorialidad; hombre ordinario; a diario.

INTRODUÇÃO

As pesquisas realizadas em administração tendem a caracterizar-se dentro de parâmetros quantitativos e corrente ideológica positivista-funcionalista. Mas uma corrente anti-hegemônica tem ganhado destaque em meio aos estudos em administração. Nesta perspectiva, podemos citar autores como: Alcadipani (2009), Ichikawa e Anges (2015), Rodrigues e Ichikawa (2015) Carrieri, Saraiva, Lima e Maranhão (2008) e, Oliveira e Cavedon (2013).

Vale destacar ainda, que a maioria dos autores supracitados fez e ainda fazem uso de pesquisas qualitativas que se destinam a exteriorizar situações pontuais, principalmente, as centradas nos sujeitos. Tais situações, que envolvem sujeitos marginalizados pela sua condição social, laboral, religiosa ou econômica, provavelmente não seriam *corpus* de uma pesquisa quantitativa, tampouco interesse dos estudos *mainstream*, quais os consideraram “relevantes cientificamente no processo de pesquisa”, como se não fizessem parte das interações sociais do trabalho.

Por isso, visando desmistificar este paradigma, somando *corpus* de pesquisa aos estudos com “minorias”, propusemo-nos a investigar, por meio da história oral um trabalhador estrangeiro inserido em uma organização, chamada “igreja”, por motivos além dos financeiros¹. Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é compreender o cotidiano de um homem ordinário, na concepção de Certeau (2008), partindo de sua identidade, oriunda da Indonésia, à sua territorialização brasileira.

Por que João é um homem ordinário? De modo geral, somos motivados a trabalhar pelo resultado financeiro que nos será oferecido, além de fazermos planos sobre adquirir bens; por isso, trabalhamos arduamente. Entretanto, as motivações de João, bem como o seu cotidiano, exprimem-se distante da vida luxuosa ou monótona, oriunda da convicção do senso comum. A sua vivência não pertence à linearidade instituída pela sociedade, não há formação de família, não há filhos, não há apego às pessoas, não há acúmulo de riquezas. Mas há uma forma específica de existência, enquanto ser humano, preocupado com o bem-estar do outro (visão esta apregoada pela organização religiosa a qual faz parte).

Nesta perspectiva, justificamos a escolha deste contexto de pesquisa pela necessidade de externalizar os simbolismos presentes na prática social de um estrangeiro nada comum. Prática social expressa em seu cotidiano e sua territorialização no Brasil por meio dos valores religiosos que representam para realizar a missão de sua congregação em outro país.

O trabalho, oriundo dos braços e/ou mente dos sujeitos, fazem parte das relações administrativas das empresas, que objetivam a lucratividade. Entretanto, o trabalho de João perpassa o limite financeiro, sua influência impacta a vida de muitos cidadãos, participantes da

¹ Embora, haja várias especulações e escândalos referentes aos fins financeiros da Igreja Católica Apostólica Romana, oportuno ressaltar o caráter qualitativo da pesquisa, no que tange a especificidade do caso.

comunidade do Verbo Divino na cidade do interior do Paraná. Portanto, a vida de cada pessoa participante na gestão do trabalho, precisa ser analisada de modo mais subjetivo, a fim de compreender o fazer e a contribuição de cada um, para um determinado espaço.

Não obstante, a motivação pelo tema, bem como, a escolha do *corpus* de pesquisa, permeiam as concepções da proposição do estudo, no que diz respeito à atenção e ao valor dado para diferentes culturas. Durante a participação em uma missa ministrada por João, despertou-nos o interesse em conhecer a singularidade de uma vida dedicada a religiosidade, por meio da Congregação do Verbo Divino, pautada sob três votos, pobreza, castidade e obediência. Assim, pretendemos dar voz e ouvidos ao diferente, exibir histórias de vidas, que possam ser valorizadas da mesma forma que os padrões determinados pelo sistema social.

Nesta atmosfera, algumas questões nortearam essa pesquisa: qual a motivação de João para mudar-se para o Brasil e quais relações estabelecem/estabeleceram, na realidade do território brasileiro, enquanto missionário indonésio? Como é o cotidiano de João? E sua territorialidade?

Assim, para melhor compreendermos a identidade de João, pesquisamos três momentos significativos em sua vida. No primeiro momento, buscamos identificar sua vivência em seu país de origem, a Indonésia, bem como, razões que o levaram a tornar-se um membro missionário da Congregação do Verbo Divino, cujo voto de pobreza, castidade e obediência, permeia as leis da comunidade.

No segundo momento, propomo-nos a entender o porquê da escolha do Brasil para a sua missão, assim como, a sua transição e adaptação a nova cultura, a partir da sua territorialização e territorialidade.

Por fim, no terceiro momento, visamos compreender, a partir de sua perspectiva, o cotidiano, como um missionário e vigário, em uma igreja da Congregação do Verbo Divino, no estado do Paraná. Neste contexto, as entrevistas dividiram-se, concomitantemente, de acordo com o recorte temporal da vivência de João.

Vale destacar que este estudo não tem a pretensão de dar conta de todo o referencial teórico referente a território e cotidiano. Nossa base teórica foi delimitada em autores como: Claude Raffestin (1993), com as percepções que delimitam a definição de territorialização e Michel de Certeau, Luce Giard e Pierri Mayol (2007, 2008) para discutir o cotidiano. Embora

sinônimo de rotina, o cotidiano é passível de se reinventar diariamente, a fim de estabelecer relações assimétricas a cada dia. E, justamente, por isso, o cotidiano só pode ser interpretado de forma qualitativa, pois a apropriação dos espaços apresenta resultados ímpares.

A transição de território de um sujeito traz consigo desejos de um futuro incerto, como também a angústia e saudade de tudo que construiu no seu antigo espaço, que agora não mais lhe pertence. O espaço, ao mesmo tempo físico e abstrato, leva consigo uma gama de artefatos simbólicos, oriundos das pessoas que os ocupam. O espaço transcende os significados geográficos, e apresenta-se como um “jogo” de conveniência. Todos os dias cada personagem/sujeito da sociedade necessita dialogar com o seu cotidiano, a fim de instaurar a sua identidade e extrair benefícios a seu favor (CERTEAU, 2007).

Vale destacar ainda, que deixar uma cultura e inserir-se em outra, potencializa conflitos internos. A instituição de novos “fazer” do cotidiano é uma quebra de paradigmas, a mudança de espaço destrói e constrói novas concepções de territorialização. O tempo, a sociedade e o espaço físico delimitam, de modo singular, um território. E para cada espaço ocupado por indivíduos, existem regras que incluem e/ou excluem outras pessoas, que desejam entrar nesse grupo. A evolução do grupo segue uma linha instável, e é mutante dia após dia, pois cada indivíduo carrega sua própria interpretação, devido as suas características ontológicas particulares (RAFFESTIN, 1993).

Deste modo, para melhor compreender o cotidiano e territorialização de João, o estudo apresenta um referencial teórico subdividido em três partes. O primeiro contextualiza a organização de João, subsidiada pela Congregação do Verbo Divino. A segunda, exhibe a caracterização do processo de territorialização, e a terceira, definições que englobam as concepções do cotidiano.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do cotidiano de Certeau (2008) e o processo de territorialização (RAFFESTIN, 1993. SOUZA, 2006) são pauta atual de vários pesquisadores da área das Ciências Sociais Aplicadas. Tais pesquisadores compactuam que os sujeitos marginalizados podem contribuir

com o avanço da ciência administrativa e, não apenas, com a promoção de grandes empresas e negócios, visão eurocêntrica propagada em realidades de países desenvolvidos.

Como exemplo de pesquisas na área que acentuam essas questões, temos a territorialização de nordestinos em situação de trabalho precário, discutida no estado do Paraná, por meio de uma dissertação de mestrado de Vilas Boas (2017). Além disso, Rodrigues e Ichikawa (2015) trouxeram para a área da administração a discussão sobre um catador de material reciclável, como o “homem ordinário” das ruas de Maringá – Paraná, acentuando a relação simbólica que estabelece com a cidade.

Por sua vez, Oliveira e Cavedon (2013), também da área de Administração, investigaram as micropolíticas do cotidiano de uma organização circense no Rio Grande do Sul. Por fim, Carrieri *et al.* (2008), vinculados a uma das maiores escolas de administração do país, pesquisaram o cotidiano de uma feira *hippie* mineira, com foco nas estratégias subversivas de sobrevivência diante do processo de institucionalização.

Neste sentido, o foco de todas essas pesquisas perpassa pelo que se denomina no campo das Ciências Sociais Aplicadas de gestão ordinária que compreende as manifestações do trabalho a partir da sobrevivência dos sujeitos nela envolvidos.

Assim, nós autores primeiramente, abordamos a história oral de João quanto a sua territorialização. Levamos em conta o conceito que une os aspectos físicos/geográficos e todos os simbolismos presentes nas relações sociais. Fatos que moldam a identidade dos sujeitos.

MINHA IDENTIDADE, MINHA TERRITORIALIZAÇÃO

Fazer parte de um grupo engloba questões mais complexas, para que realmente um sujeito sinta-se acolhido em um território. Embora o significado de território obtenha muito mais ligação com os conceitos geográficos, não podemos esquecer as questões subjetivas que abarcam as relações dos seres humanos em sociedade (MARTINS; REIGOTA, 2012).

A questão de territorialidade é “um tema relevante pela geografia humana, a questão espacial há muito foi politizada, descartando o senso comum que liga o espaço a aspectos apenas físicos” (SARAIVA; CARRIERI; SOARES, 2014, p. 101). A condição subjetiva dos sujeitos que ocupam um território, desconstrói a ideia unicamente física associada pela

geografia. As interações, assim como os artefatos simbólicos, são enraizados na descrição de um território físico. Algumas coisas, por exemplo, apenas possuem sentido se conectadas a elementos abstratos.

Neste sentido, o conceito de territorialidade atinge proporções que se vinculam as relações sociais que ocupam um determinado espaço, bem como, a sua interatividade. A territorialização é um conjunto de questões objetivas e subjetivas que compõem cada território. Ou seja, “é como cada porção do espaço absoluto fosse um *locus* de uma combinação única (unicidade) em relação a qual não poderia se conceber generalizações” (CASTRO; GOMES; CORREIA, 2000, p. 19). A soma de cada particularidade, as condições do espaço acrescidas às identidades de cada sujeito resultam em um território inigualável.

Sendo assim, todos os atores presentes em um espaço são responsáveis, por meio de suas ações, pela territorialização. O espaço não pode ter sentido semelhante ao território, pois ele antecede o processo de transformação realizado por seus habitantes (RAFFESTIN, 1993). Para o autor, “evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Assim, é clara a distinção entre o espaço e o território; mas, ao mesmo tempo, possuem uma recíproca relação quanto a apropriação do ambiente.

Para Medeiros, “espaço e território não podem ser dissociados, pois enquanto o primeiro se faz necessário para demarcar a existência do segundo, este último por sua vez é a condição para que o espaço se humanize” (2008, p. 217). Com apropriação de um espaço é possível identificar a identidade de um território. Desta forma, essa ligação é fruto da combinação da sociedade, espaço e tempo, ou seja, pelas relações sociais simétricas e assimétricas que se efetiva a territorialização.

Entretanto, torna-se essencial neste ponto, abriremos um parêntese para a definição de espaço por Certeau (2008), pois esse difere um pouco da perspectiva de Raffestin (1993). Para Certeau o conceito de “lugar” assemelha-se ao “espaço” de Raffestin. E o território de Raffestin ao espaço de Certeau.

Explicando melhor: para Certeau, “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar” (CERTEAU, 2008, p. 201). O

lugar assume características estáticas, não há movimento. Por exemplo, na definição de espaço, Certeau (2008) expõem a situação de uma rua, assim ela só será um espaço se usufruída por pedestres. Logo, “espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2008, p. 202). A interação entre os elementos do lugar resulta em um dinamismo chamado espaço.

Não obstante, essas interações no ambiente, mesmo com nomenclaturas distintas, potencializam a territorialização. Saquet (2009, p. 82) afirma que a territorialização, “é resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada por meio das desigualdades e das diferenças e, sendo unitária, através das identidades.”

Neste sentido, para o autor, os múltiplos aspectos que compõem as interações sociais, resultam eminentemente do contexto histórico (político, religioso, cultural, entre outros) ao qual os sujeitos foram submetidos (SAQUET, 2009). Dessa maneira, embora a territorialização seja a tessitura do presente, resquícios do passado sempre reconfiguram as interações. Ademais, “tanto os processos identitários como os conflituosos e transformativos são históricos e relacionais e, ao mesmo tempo, materiais e imateriais” (SAQUET, 2009, p. 86). Essa gama de processos infere um sentido efêmero à territorialidade, pois ela se transforma ao passo que um novo dia começa, sonhos e perspectivas tomam dimensões ainda não refletidas a cada instante.

Logo, os sujeitos que habitam este espaço, principalmente, pela adoção de uma língua, como meio de comunicação manifestam as suas identidades pela fala, defendem suas origens, da mesma forma que a sua etnia, raça, cultura e religião. Para acrescentar-se a definição da territorialização, mesmo que mutável, a herança histórica sempre terá influência no presente.

Nas palavras de Souza (2006, p. 81) “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também, podem ter uma existência periódica, cíclica”. Por esse fato, não somos totalmente iguais a ontem, mas somos diferentes hoje, pois o meio, as relações sociais e a nossa capacidade cognitiva, fazem-nos mutáveis a cada segundo.

O processo de territorialização ocorre em divergentes contextos, entretanto, a língua possui expressividade quando um sujeito deseja se inserir em outro ambiente. Além de sua

comunicação não verbal, a comunicação precisa ser efetivada pela língua. “Cada palavra, expressão ou mensagem se apresenta como valor de uso, onde se tenta satisfazer uma necessidade de comunicação e valor de troca, onde a palavra entra em relação com outras palavras na língua” (RAFFESTIN, 1993, p. 107).

Por esta razão, a linguagem seja ela verbal ou não, torna-se um mecanismo necessário às significações das ações e estabelecimento de relações interpessoais, podendo ser extraído o conceito de conveniência estabelecido por Certeau, Giard e Mayol (2008), quanto ao reconhecimento do sujeito em seu território. Na sequência, exploramos a teoria de Certeau (2008), relacionando-a ao processo de territorialização.

MEU COTIDIANO: MEU LUGAR NO MUNDO

O cotidiano pode ser um sinônimo de rotina, se analisado sob formas objetivas, “em virtude da monetarização da economia, que transforma igualmente pessoas em objetos, numa espécie de engrenagem que corrói a individualidade” (LEITE, 2010, p. 739). O conceito da vida, dentro de padrões e de bens materiais, transforma os sujeitos em singelos reprodutores de uma vida ideal. Porém, não há um fim, apenas um ciclo financeiro o qual precisa estar em constante movimento, para que seja alimento da “engrenagem” financeira social. Assim, cada “homem ordinário” oferece o máximo do seu cotidiano, para a construção de ideais que nem sempre são os próprios, esquecendo-se de sua identidade.

Entretanto, o cotidiano é feito de vários personagens, que necessariamente participam de um determinado grupo. Para Goffman (1985), os sujeitos representam papéis na sociedade, o que determina que nem sempre somos fielmente sinceros, como nosso cognitivo gostaria que fôssemos. Há quem participe de comunidades com maior grau de poder de influência, devido às questões financeiras.

Além de outros grupos, denominado por Michel de Certeau (1994) como “o homem ordinário”, esse sujeito transmite uma ideia de passividade e aceitabilidade das regras do sistema. Entretanto, para Certeau (1994), a “bricolagem”, é meio encontrado para superar e contornar as regras impostas, deixando de ser um receptor de comandos para redesenhar o seu

próprio conceito de auto realização. Neste contexto, o autor ainda infere dois termos relevantes a situação do cotidiano, a *estratégia e táticas*.

A estratégia está relacionada ao fato de detenção de poder e, por ela, os grupos dominantes instituem seus papéis autoritários. Em contrapartida, as táticas advêm dos grupos mais fragilizados e, por meio das suas “bricolagens”, são capazes de reverter a condição passiva de consumidores. Essas estratégias e táticas condicionam o cotidiano dentro de um jogo, porém sem sequências de fases e em constante movimento (CERTAU; GIARD; MAYOL, 2008). diferentemente do cotidiano de Goffman (1985), pautado sob condições triviais de vivência.

Para Certau, Giard e Mayol (2008), o cotidiano é por nós atuado de maneira que seja conveniente, para que possamos extrair benefícios, o que significa deixar comportamentos, linguagens, posturas, ideologias, entre outros aspectos. Essa reconfiguração é necessária para que atinjamos o reconhecimento dentro de determinado grupo e/ou comunidade.

Todavia, esse cotidiano não se apresenta de modo linear, a arbitrariedade presente desde a hora que abrimos os olhos, para desfrutarmos um dia de trabalho ou lazer, até a hora que os fechamos para descansar, deparamo-nos com várias escolhas, as quais se tornam únicas a cada dia. O espaço por nós habitado, de maneira mais precisa, o nosso bairro, é por onde fidelizamos nossa identidade e realmente nos sentimos parte de um grupo. Vários são os personagens de um bairro, a mãe, o médico, o adolescente, a criança, o padre, entre outros. Logo, cada um expõe simbolismos, os quais são intimamente ponderados pelas relações e ações diárias, oriundas das estratégias e táticas do cotidiano.

Em consonância, Leite (2010, p. 740) afirma que: “certas práticas sociais imprimem à vida cotidiana, tornando instáveis e rompendo certas regularidades sociais, reais ou esperadas”. O jogo do cotidiano é irregular, o homem ordinário, mesmo que mecanizado pelo sistema social, possui a sua própria reação, devido à singularidade de sua ontologia.

Para Dosse (2013, p.92), “a cidade é o campo fechado de uma verdadeira guerra de narrativas, das quais cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui a densidade histórica de cada cidade”. Assim, nem mesmo a soma dos fatores podem chegar a semelhança histórica de uma cidade com outra, pode-se perceber o quão heterogêneo são os fatores que a compõem. A sociedade, o espaço e o tempo, apresentam combinações excepcionais, afirmando a teoria da invenção do cotidiano de Michel de Certeau.

A ORGANIZAÇÃO QUE ME/EU SUSTENTA (O)

A igreja em pesquisa, mesmo com seu voto de pobreza, não deixa de ser uma organização, pois visa seu desempenho e precisa de dinheiro para sua subsistência. Logo, “sendo uma organização, toda igreja se comporta da mesma maneira que qualquer outra organização: procura se expandir, reunir, controlar e gerenciar. Procura codificar todo o seu meio” (RAFFESTIN, 1993, p. 127).

Neste sentido, a sua influência na sociedade, produz resultados significativos ao contexto econômico e social, uma vez que visa o bem-estar físico e mental dos membros da comunidade. Para Motta e Pereira (2004), a igreja Católica é considerada a mais antiga organização burocrática ainda em vigência, do ponto de vista tradicionalista. Entretanto, estudos sob diferentes perspectivas podem oportunizar diferentes visões. Por exemplo, quando evidenciado o expressivo trabalho realizado pelos vigários que sustentam a participação ativa dos religiosos, contribuindo para a solidificação da organização. Em suma, o nível de análise das organizações evidencia os colaboradores como muito mais dependentes das organizações, do que a organização deles.

É compreensível que tenhamos alguns pré-conceitos enraizados em nosso julgamento, em relação às organizações. Ibarra-Colado (2006) nos revela que o conceito de organização é oriundo dos países anglo-saxônicos e, conseqüentemente, importado, traduzido e repetido na América Latina, carregando assim, definições homogêneas para diferentes contextos, desde estereótipos físicos dos empresários, pautados na masculinidade, ideologia neoliberal, classe média alta, entre outras características que empoderam um grupo seletivo. Desse modo, qualquer outra forma de gêneros, raça, opção sexual, religião, posição política, da mesma maneira que pequenos empresários raramente são foco de pesquisas científicas, por não agregarem valor suficiente, em relação aos grandes negócios.

O termo “organização” está fortemente ligado a definições e padrões internacionais de negócios, tanto em âmbito acadêmico como prático. Está ocorrendo uma colonização do conhecimento, colocando os latino-americanos em situação de passividade, pois o reconhecimento do trabalho deve seguir regras internacionais (Europa e América do Norte) para

que obtenha *status* de excelência. O condicionamento dos sujeitos institucionaliza ainda mais o conceito enraizado do mundo desenvolvido (IBARRA-COLADA, 2006).

Logo, “organizações são estruturadas e suas funções racionalizada instrumentalmente, então indivíduos interiorizam como normal algumas rotinas de trabalho e regras de conduta, que dificultam a apreciação de fenômenos em quaisquer outros termos” (IBARRA-COLADA, 2006, p. 09). Esta mecanização do trabalho e, conseqüentemente, do consumo condicionam os sujeitos a acatarem regras e normas importadas. Neste sentido, tomemos o cotidiano sob um olhar fora de rotinas e regras, e observemos todas as formas de organizações que subsidiam todas as formas de sustento. A quitanda da esquina, a escola, o hospital, a igreja, a instituição sem fins lucrativos, asilos, educandários, prisões, manicômios. Por que essas organizações são postas de lado? Por que apenas a produção, principalmente em grande escala, possui notoriedade?

A organização que custeia a vida de João não pertence à vitrine dos negócios internacionais de produção. É pela “igreja” que João retira sua subsistência mínima. Mas em uma linha recíproca, a igreja depende muito mais de João para que seus fiéis se mantenham na igreja, a fim de sustentá-la. Sob pressupostos burocráticos, a cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana possui autoridade sob a vida de João. Entretanto, o poder de influência de João como vigário, coloca o em posição de influenciador, ao passo que sua conduta e poder de persuasão determinam o montante de fiéis ativos na comunidade.

A igreja em estudo, pertence à religião Católica Apostólica Romana, mais especificamente à Congregação do Verbo Divino, fundada pelo alemão Santo Arnaldo Janssen. A congregação pauta seus objetivos sob a convicção de uma comunidade missionária, ou seja, as tarefas relativas ao desenvolvimento do trabalho devem ser realizadas em outro país. Por meio do Programa de Formação Transcultural (PFT), os missionários são enviados para outros países, a fim de ascenderem um compromisso ainda mais fiel com a missão social e eclesial (Congregação Verbo Divino, 2016).

METODOLOGIA

Ao propor a investigação do cotidiano e territorialização de João, necessário se fez do uso da abordagem qualitativa, devido à conjuntura subjetiva de interpretação do contexto. Tomamos como *corpus* de pesquisa, o vigário João (nome fictício, por ele escolhido), com 35 anos de idade, natural da Indonésia.

Assim, o método de pesquisa utilizado advém da história oral de vida. Devido à singularidade do contexto de João, oportuno é ouvir a sua concepção de migração, transição e ambientação em um novo país. Embora, pouco explorado pelo campo de ciências sociais aplicadas, o método consiste em explorar o testemunho oral de um sujeito, colocando-o como protagonista da história, não de modo individual, pois o sujeito relata a sua experiência em meio coletivo, interligando sempre o seu “eu” ao campo social. E por meio de sua palavra é capaz de retratar o seu passado, de modo a externalizar a sua cultura, ideologia, e o seu meio social, oportunizando a reflexão e interpretação de sua própria história (BARROS; LOPES, 2014).

Neste sentido, a coleta de dados na história oral, privilegia a entrevista em profundidade, de modo que, a intervenção do pesquisador seja mínima. O intuito é que o entrevistado, possa narrar a sua trajetória de vida, por meio do seu aparato cognitivo. (GODOI; MATTOS, 2010). Nessa perspectiva, as entrevistas em profundidade foram divididas em ordem cronológica, representando três momentos da vida de João: a vivência na Indonésia, a transição migratória e o cotidiano no Brasil, enquanto vigário.

Em complemento, a coleta de dados ainda contou, com a observação dos pesquisadores na secretaria da paróquia e missas presididas pelo vigário, embora, não fosse possível observar todas as atividades de João, devido ao acesso restrito aos atendimentos pessoais na secretaria da paróquia e no hospital.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram analisados a partir da análise do discurso, ou seja, com a interpretação do sentido e não da estrutura textual. O sentido é compreendido, por meio da soma da ideologia, história e linguagem (PÊCHEUX, 2002). De modo que João possui uma ideologia religiosa, da Igreja Católica Apostólica Romana, mais precisamente da Congregação do Verbo Divino, entrelaçada a sua história, oriunda da Indonésia para um missionário em território brasileiro, enquanto vigário. Portanto, a análise compreenderá toda a conjuntura de João, em consonância ao seu discurso.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após assistirmos várias missas presididas por João e realizarmos alguns contatos com o vigário, estabelecemos três encontros para que ele pudesse nos contar a sua história de vida. As citações diretas de João são descritas de forma idêntica à sua linguagem, o que justifica alguns erros de concordância nominal e verbal, pois João ainda possui algumas dificuldades em relação à língua portuguesa. Os dados expostos na análise demonstram um processo de transição de uma territorialidade à outra, enfatizando o cotidiano como meio de instituir uma identidade.

JOÃO INDONÉSIO

A João, um homem ordinário aos olhos de Certeau (2008), confere uma vida ordenada aos votos de obediência, castidade e pobreza para que seu ordenado, enquanto vigário, seja exercido. Não obstante, a sua representação e seu cotidiano fogem das muitas regras estabelecidas pela sociedade, a qual institui à vida uma sequência lógica de acontecimentos. Para Certeau (2008), o cotidiano não representa uma monotonia, a todo instante somos condicionados a fazer escolhas, cujos ritmos habituais mudam.

João nasceu em uma ilha da Indonésia, na cidade de Baro, foi criado por seu pai e irmãos, sua mãe faleceu quando tinha apenas dois anos de idade. João era o mais novo, e, conseqüentemente, suas três irmãs e seu irmão o cuidaram. Obteve uma infância em contato com a religiosidade, o que lhe despertou para uma vida ordenada. Sua ilha possuía a religião católica, embora a predominância muçulmana seja muito forte nas demais ilhas da Indonésia. Percebemos que as escolhas permeiam a conjuntura característica da territorialização do sujeito (RAFFESTIN, 1993). Ao estar imerso em um ambiente com dominação religiosa católica, foi influenciado pelo meio ao optar pela religião católica e não a muçulmana. Seu discurso quanto à escolha da vida religiosa foi:

Então, eu assim, ééé, eu senti essa vocação de ser missionário, a partir do testemunho desses padres, da vida em comunidade, da vida [pausa]. Por ser esta congregação intercultural. Até tem missionários que sai do, da sua terra, do seu país né! Conhece outras culturas, é assim que o início da motivação.

Na verdade, meu pai, meus irmãos, eles, ééé, assim que eu decidi entrar no seminário, eles não tem assim uma, uma intervenção. Eles sempre falavam, “não, você que decide”, quem vai vive o futuro, sua vida é você mesmo. A gente, só dá apoio, se você

quer ser o que você quer, segue sua escolha né. Mas eles sempre me dão, deram apoio, naquilo que eu escolhi.

Além da influência da territorialidade, o poder de persuasão dos padres da comunidade foi determinante para a sua escolha. Raffestin (1993) explana que a relação de persuasão carrega consigo informação e energia, a fim de influenciarem a opinião. O testemunho deles (dos padres), instigou o ao sentimento de tornar-se um missionário. Ao mencionar os membros da família, fica claro que eles não o influenciaram, pois, o ambiente domiciliar não lhe proporcionava essas reflexões, ao passo que enfatiza sua própria escolha frente à família, devido à sua dominação do espaço domiciliar.

Neste prisma, Certeau (2008) afirma a capacidade de apropriação da própria casa, dando possibilidade de dizer e fazer o que bem lhe confere, embora o cenário do cotidiano de seu bairro o tenha motivado. Além disso, o desejo de conhecer outras culturas, também obteve um peso significativo em sua escolha. Em seu discurso, João evidencia a “sua terra, o seu país”, um sujeito nunca esquece do seu primeiro processo de territorialização e qual do participa de diferentes espaços, contribui significativamente à sua nova territorialidade, através da sua experiência histórica (SAQUET, 2009).

João teve, desde sua pré-adolescência, a partir dos seus 13 anos de idade, uma vida disciplinada (estratégias), estudou o ensino fundamental em uma escola coordenada pela paróquia. Estudava em outra ilha, na cidade de Labuan Bajo, em um regime de educação de internato. Quando completou 18 anos, iniciou o noviciado em uma segunda ilha, na cidade de Nenuk. Toda essa trajetória se consolidou com pouca influência da estrutura familiar, pois seu pai e irmãos ficaram na cidade de Baro. Devido à vivência no seminário, longe da casa materna, o trabalho de limpeza somava-se as regras disciplinares.

Desde seminário menor a gente já aprendia, por exemplo, lava roupas sozinho, não tinha máquina né. Lava louça, limpa jardim, casa, tudo, tudo. A gente fazia sozinho né. E até, isso ajudou muito (JOÃO, 2017).

A vivência fora do ambiente familiar proporciona diferentes competências, como o fato de um homem realizar todo o serviço doméstico. Neste sentido, “dentro de uma cultura, uma mudança nas condições materiais ou da organização política é o que basta para modificar a maneira de conceber e de repartir esses tipos de tarefas cotidianas, podem também alterar a hierarquia dos diferentes trabalhos” (CERTEAU, GIARD; MAYOL, 2008, p. 211). A ausência

de mulheres no cotidiano dos seminaristas, e instituição de uma nova vivência, os posicionavam como capazes de desempenhar as tarefas domésticas.

João afirma que isso foi bom. Mas, ao mesmo tempo em que era bom para aprender ou passar o tempo, o serviço doméstico também possuía o objetivo de punir os seminaristas que não seguiam as regras. No início da sua fala, sobre as punições que poderiam sofrer no seminário, houve demonstrações de risos. Constatamos que alguma lembrança lhe veio à memória:

Se você fez coisa errada, eles mandavam você embora do seminário. Alguns, tinha alguns casos, por exemplo. É, uma vez alguns amigos meus, eles saíram do seminário a noite, no seminário maior, até 10 horas de noite os portões. A gente vivia dentro, igual um condomínio, tudo dentro, tudo dentro do seminário. Quando você sai um pouquinho, não pode passar das 10 horas da noite. Os seguranças já fecham o portão, se você chegar você fica para fora. Mais grave você é expulso do seminário. Esse mais grave. Mas tem alguns, que, por exemplo, você recebe uma punição de trabalho por exemplo. Tem várias punições. Inclusive eu já passo por punições, né. Mas não fiz uma tão grave (JOÃO, 2017).

Embora, essas estratégias tentassem delimitar o modo de viver dos seminaristas, as táticas oriundas dos grupos em situação de “passividade” tentam “driblar” as imposições (CERTEAU, 2008). As estratégias limitavam as escolhas, e as punições tentavam minimizar as reações adversas, assim como para dar exemplo aos demais. Entretanto, as táticas não deixaram de aflorar nos sujeitos, como a analogia de João a um condomínio. Inferimos que se sentia “preso”, pois tudo deveria ser feito “dentro”, dito repetidamente por João.

O sentimento de reclusão, de local fechado determinava o limite geográfico de ocupação do espaço. Aquela era sua casa, teoricamente, mas uma casa compartilhada e com muitas regras. Assim, o quarto e banheiro individual tornam-se o *locus* de dominação. O seu único local privado, onde pode-se caracterizá-lo de acordo com as suas preferências, disposição dos objetos, entre outros pequenos detalhes que descrevem a singularidade objetiva e subjetiva de cada sujeito (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2008, p. 211). E assim, João, em seu pequeno território, em seu lugar protegido, refletia sobre sua vida e estudava.

Quando questionado sobre a certeza de que seria um vigário, João (2017) afirma: “nunca assim teve dúvidas que não seria isso. É, teve alguns momentos de turbulências na vocação. Será que vai dar certo? Mas assim eu sempre, sempre tinha essa, esse vontade, esse desejo. (silêncio) Inclusive, já tinha namorada, é”.

As palavras de João demonstram o quão difícil é ter plena certeza de que estamos no caminho correto. Houve momentos tumultuados, em que a incerteza sob as escolhas, colocava o em dúvida. A representação de João, enquanto missionário, preocupado em ajudar e fazer o bem ao outro, não reduz as suas próprias angústias, incertezas e fragilidades. Embora tenha que passar uma autoconfiança a seu público, é inevitável manter a mesma postura em diferentes ambientes e situações (GOFFMAN, 1985).

Além disso, antes de entrar no seminário maior, João tinha uma “namoradinha”, entendemos que não foi nada sério, até pelo uso do substantivo em grau diminutivo. Mas as regras impostas em seu caminho, o fazia deixá-la nas lembranças do passado. O voto de castidade rejeita qualquer tipo de relacionamento amoroso. Superada sua decisão, João começa um processo de metamorfose, ou melhor, de nova territorialização.

JOÃO INDONÉSIO E/OU BRASILEIRO

João define um novo caminho a sua vida, tornar-se missionário no Brasil. A sua territorialização iniciou quando escolheu o Brasil para realizar a sua experiência pastoral, em um ano e meio de duração, algo similar aos estágios dos acadêmicos. É por meio desta vivência que um missionário terá a certeza do seu ordenado. Com isso, João foi enviado para São Paulo, por onde iniciou seu processo de territorialização, chegou ao final de dezembro de 2008. E assim, começa uma imersão em um espaço que lhe fará um novo João, um pouco menos indonésio e/ou mais brasileiro. As práticas do cotidiano é que faria com que João conquiste seu espaço, ou seja, territorialize se. É claro que o território ocupado por ele, sofrerá uma resignificação por meio da bagagem ontológica totalmente distinta do habitual bairro brasileiro da cidade de São Paulo. Nesse sentido, João precisa utilizar-se de mecanismos de conveniência, com o intuito de inserir-se nas relações sociais (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2008. RAFFESTIN, 1993).

Ao chegar a São Paulo, ainda muito confuso quanto ao fuso horário de onze horas de diferença, o primeiro choque cultural advém da culinária.

Quando cheguei primeira vez em São Paulo. Lá na Indonésia a gente comia arroz né, em vez de café com pão. Ai quando cheguei primeira vez, a gente só toma café, só toma café. Falei: Cadê o arroz? (risos) Ai depois, 10 horas já sentia fome, aqueleeee fome (JOÃO, 2017).

A culinária típica de cada cultura leva consigo um processo histórico, demonstra-se, por meio da alimentação, uma identidade de determinada região. Certeau, Giard e Mayol, (2008, p. 218) afirmam que “as práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado”. O fato é que apenas quando sentimos a falta, é que realmente valorizamos um simples hábito da culinária, além de todos os artefatos e comportamentos que fazem parte do contexto alimentar.

Chegamos em São Paulo e nosso provincial nos convidou, levou para comer num restaurante noite. Aquele restaurante de churrasco, rodízio. Era noite, e pela primeira vez tem contato com caipirinha né, ai eles nos ofereceram caipirinha, eu com o meu colega. Nós éramos dois. Dois seminarista! Ai eles ofereceram essa, essa bebida, caipirinha. Ai porque tão doce, o meu amigo, ele tomou tudo de uma vez. Ele tomou tudo de uma vez a caipirinha!

Ai no momento a gente não sabia que vai ter rodízio, vai ter a pessoa, o churrasqueiro que vai trazer a carne para a mesa. A gente no início pega tudo. Pega tudo, ai quando, porque as melhores carnes sempre depois. Ai não tem mais vontade de comer. Porque na Indonésia não tinha restaurante de rodízio churrasco (JOÃO, 2017).

A bebida, a comida, o comportamento seguem um encadeamento de ações simbólicas dentro de paradigmas não mais questionados. Faz-se deste modo, porque sempre foi assim. O rodízio de carnes ou a mistura do limão com aguardente possuem um histórico de significações dentro do território que João irá se inserir (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2008). Se bebemos socialmente uma bebida alcoólica, oportuno é tomá-la com moderação. Ou a presença em uma churrascaria com rodízio representa uma refeição mais longa, a fim de experimentar as mais nobres carnes. Entretanto esses aspectos culturais apenas são compreendidos na vivência em determinado território. Por isso, a compreensão de um local não pode ser substituída por uma realidade virtual, precisa ser vista e sentida humanamente.

Sendo a língua um fator fortemente determinante ao que tange a representatividade patriota, a falta de domínio do idioma o coloca em situação exclusiva, pois a comunicação é uma ferramenta, com múltiplas funções: comunicar, organizar e transmitir, algo dentro de uma cultura. (RAFFESTIN, 1993). Assim, João expressa: “e língua também, isso uma grande dificuldade. Por isso a gente só fica olhando. As pessoas falam, sorriem. Às vezes, sempre, sempre, é sorrindo mais tarde, quando as pessoas sorriem que a gente entende. Sem entende o que elas estão sorrindo”. A língua possui forte característica de poder, pois lhe proporciona uma maior liberdade de apropriação de diferentes espaços. Além de outros aspectos macro, de

políticas, economia e cultura (RAFFESTIN, 1993). A falta de assimilação da língua dificultava o convívio, por exemplo, o fato de não compreender o riso das pessoas, dificultava as relações afetivas.

Outro aspecto curioso, demonstra que a mesma religião praticada em espaços distintos não segue estritamente as mesmas regras. Logo, para Raffestin (1993) o espaço, sociedade e tempo determinam ativamente a representação da territorialidade.

Quando eu estava em São Paulo, principalmente no seminário lá, nossa casa. É, os seminaristas, eles participavam da missa de qualquer jeito. Porque a gente, lá no seminário já, assim, foi educado quando você tá na igreja, vocês está na missa com roupas bem adequado com o ambiente né. Tem que usa blusa comprida, não pode usar só chinelo, tudo mais né. Pode usar sandálias, mas não chinelo de banho, tudo mais. Mas quando cheguei em São Paulo, os seminaristas com, né! Bermuda, com né, camisa de esporte. Meu Deus! É diferente para nós (JOÃO, 2017).

É evidente que o Brasil mesmo em âmbito católico não pratica regras tão conservadoras em relação os seminários da Indonésia. A vestimenta para participar das missas no Brasil recebe a expressão “de qualquer jeito”, o que para João significa um sinal de desrespeito ao ambiente sagrado. Enquanto que para os seminaristas brasileiros, o fato de estar de bermudas, chinelos de dedo e camiseta de esporte, não representa uma afronta ao ambiente da igreja. Poderíamos dizer que os seminaristas brasileiros “estavam à vontade” ao invés “de qualquer jeito”. Essa situação remete-se a grande influência da cultura às organizações; embora possuam a mesma ideologia, a cultura presente no território é passível de influência no comportamento e, conseqüentemente, na gestão organizacional. A conjuntura brasileira, com toda sua miscigenação, apresenta traços culturais distintos. A informalidade, proximidade afetiva são características envolvidas nas relações pessoais, nas organizações brasileiras (MACHADO, 2005). Percebemos que mesmo em uma organização religiosa, embora pautadas pela ideologia da Congregação do Verbo Divino, possui diferentes comportamentos. Os simbolismos e táticas presentes na territorialidade restabelecem regras já institucionalizadas (CERTEAU, 2008. RAFFESTIN, 1993).

Outra questão levantada por João, em relação ao meio religioso, relaciona-se à musicalidade praticada durante as missas. Na indonésia, João admite: “a gente celebra a missa tudo quietinho. Mais calmo, mais suave a missa”. Efetivamente, somos um povo expansivo, de modo que exteriorizamos muito mais nossos sentimentos. A postura de João remete a sua

cultura. Possui uma voz serena, comportamento e vestimentas discretas, seguindo os padrões culturais indonésio. Pois, embora esteja em um novo território, suas antigas experiências ainda são percebidas no seu cotidiano (RAFFESTIN, 1993).

Já não mais sabemos quem João é. Uma nova alimentação, novo idioma, novos comportamentos, novas músicas, nova cultura, entre outros aspectos implícitos nas relações sociais. Em um passe de mágica, tudo é construído e/ou desconstruído, somado e/ou subtraído, pelo fato de uma mudança de tempo e muito mais quando há apropriação de um novo espaço. João sofreu mudanças radicais, de modo que, sua presença em seu antigo território na Indonésia, faça o ser estranho. Souza (2006, p. 84) afirma essa estreita relação entre identidade e território.

a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto.

As representações do espaço afirmam quem somos, ao passo que, se estivermos em outro local, não conseguimos demonstrar integralmente os artefatos que nos fazem cidadão de determinado território. Por isso, apenas quando realizamos viagens é que realmente temos a real percepção e compreensão de uma determinada cultura. Exclusivamente pelo contexto explícito e implícito, concreto e abstrato, que determinamos no ambiente sócio-cultural do grupo.

João passou e está passando por várias ressignificações, mesmo dentro do Brasil, devido à extensão territorial e miscigenação de raças e etnias. Seu primeiro contato com a cultura brasileira foi pela cidade de São Paulo capital, durante 4 ou 5 meses. Depois foi para o litoral de São Paulo, cidade de Iguape, onde permaneceu mais de um ano para sua experiência pastoral. Ao término da sua experiência, em junho de 2010, João volta para a Indonésia para terminar mais dois anos de teologia. A escolha do local para sua ordenação é oriunda do conselho geral da congregação em Roma. As estratégias legitimadas pela organização demarcam os próximos territórios de João, minimizando o poder de escolha dos missionários. João poderia escolher três países de preferência. Brasil, México e Filipinas foram suas opções. Para o seu contento, o Brasil foi designado como seu definitivo território. Ficou feliz, pois já conhecia um pouco da cultura, por meio de sua experiência pastoral, não precisaria recomeçar do zero em outro local (principalmente em relação a língua). E em março de 2013, João iniciou um novo processo de

territorialização, mas agora em Curitiba capital do Paraná. Isso se justifica pela localização da casa central da Província Sul da Congregação do Verbo Divino. João precisava esperar por alguns documentos legais para efetivar sua nacionalidade. Assim, foram três meses em Curitiba, e mais quatro no Mato Grosso, cobrindo férias de um padre, para então, estabelecer a sua paróquia final em uma cidade do interior do Paraná. Não que essa seja sua morada definitiva, pois depois de quatro anos é requisitado para outras paróquias do país. É provável que no ano de 2018, João tenha que se adaptar novamente a outra região brasileira.

JOÃO BRASILEIRO

Não podemos afirmar que João realmente se tornou um brasileiro. Mas, é possível inferir que possui uma boa relação com a comunidade e cultura local, no interior do Paraná. João perderá a cada dia sua identidade Indonésia, pois o fato de estar sozinho exclui a possibilidade de manter uma rede que tenta preservar os costumes da antiga cultura. Souza (2006) expõem que a migração em grupos oportuniza o estabelecimento de redes, que se dedicam à preservação da sua identidade. Mas não é o caso de João, o tempo o fará cada vez mais brasileiro, mesmo que com naturalidade indonésia.

Assim, João ainda está em processo de territorialização, principalmente ao que tange a aquisição da língua. João alega: “mas assim, até agora tem, ter muito dificuldade ainda com, com língua. Comida já acostumei, come tudo.” A complexidade da língua a respeito da concordância verbal, nominal e compreensão do vocabulário, faz dele ainda aprendiz. Sua representação, enquanto vigário, exige muito mais, durante sua homilia nas missas, a falta de aquisição da linguagem, fá-lo interromper seu discurso, pela falta da palavra correta. Entretanto, a comunidade possui consciência da sua construção linguística e sempre o ajuda com os vocábulos.

João possui uma vida simples, não deseja acumular fortunas. Mesmo porque, o seu voto de pobreza o remete à compreensão de uma vida independente das regras de consumo e aquisição de bens, pregada pelo sistema capitalista.

Mas eu entendo a pobreza né, que a gente vota, não simplesmente você viver na miséria, mas você tem esse espírito de desapego com as, com os bens materiais, isso

é sentido de viver na pobreza. Você não (pensa). Desapegar com as coisas, nem com as pessoas (JOÃO, 2017).

João não vê problema em não obter bens materiais, como casa, carro ou mesmo ter dinheiro guardado. Além disso, o sentido de pobreza se estabelece para além de questões financeiras, e depara-se também ao desapego emocional com as pessoas. João vive desprendido de qualquer apego emocional ou material, o que justifica confessar ser um homem livre.

Você que tem ser livre né. É eu estou livre, mesmo que vivendo numa situação de tantas regras, é eu sei que né, que mando na minha própria vida, minha decisão, não é outro. E eu escolhi este, não porque outro obrigo para mim né. A partir que eu escolho, já sei as consequências né, eu assim, que eu falo para as pessoas. [...] Porque ser religioso, ser sacerdote não é profissão é uma vocação. É como você ser mãe ou ser pai, é uma vocação. Você não pode dizer assim, sou pai, só na casa, na família. Você é pai onde você for, se você está fora da casa, assim também é nós, eu principalmente né (JOÃO, 2017).

Mesmo com votos de pobreza, castidade e obediência, João se diz livre. João pertence a uma organização que depende muito mais dele, do que ele dela, desconstruindo a ideia de passividade corriqueiramente associada aos colaboradores. João possui fortes significações aos fiéis que participam da organização, sendo a sua conveniência necessidade de reconhecimento, para que a comunidade acredite na ideologia da igreja. João doa-se inteiramente como uma mãe ou pai aos seus filhos, sua vida é pertencer aos ordenamentos da Congregação do Verbo Divino. Seu trabalho interfere ativamente nos problemas pessoais dos fiéis, principalmente em seus atendimentos, por ele descritos:

Na verdade, justamente muitos, muitas conversas que a gente escuto, a gente entende, são problemas psicológicos né, e nós, em certo sentido não estou preparado para isto, sim a gente não estudava especialmente a psicologiané. A gente estudava o básico. [...] Eu sempre falo, você tem que procurar um psicólogo, um psiquiatra para ajudar você sair deste problema (JOÃO, 2017).

A sua representatividade, enquanto vigário, posiciona-o como capaz de solucionar problemas psicológicos e psiquiátricos, embora João tenha a concepção de que não possui domínio sobre as áreas. As questões religiosas são comumente associadas às perturbações emocionais ou falta de “sorte” na vida. Assim João afirma ser muito mais do que um “amigo”, com paciência e capacidade de ouvi-los, do que um psicólogo ou psiquiatra.

Assim são as práticas do cotidiano de João que constroem sua territorialidade, as relações, táticas, estratégias e conveniências são por ele desempenhadas (CERTEAU, 2008). O contato

com pessoas faz de João um grande homem, com alta capacidade de empatia, sabe ouvir e transpor serenidade aos membros da comunidade. Diz ter tudo nessa vida, exceto uma companheira. O que talvez possa ser um *locus* para sempre vazio. Seu dia agitado em meio a várias pessoas e situações, termina silenciosamente em seu pequeno quarto, seu refúgio, com o seu próprio eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialização, juntamente com todas as nossas experiências, fazem nos sujeitos singulares neste mundo. João o “homem ordinário” nas palavras de Certeau, reflete um, dentre tantos outros Joãos que, de alguma forma, buscam em outro território a concretude de seus sonhos. Mas não há um fim, a territorialidade é mutante e se reestabelece constantemente com a atuação de divergentes sujeitos, dispostos em tempo e lugar determinado, cobrindo o espaço estático com vários simbolismos, que retratam, e fazem de cada ambiente um território incomparável.

Cada sujeito, somado a todos os outros elementos físicos e abstratos, do território instituem o modo de ser, de viver e conviver com outrem. As práticas do cotidiano não são meramente regulares; a todo instante somos surpreendidos com o diferente. Nossa bagagem histórica e o momento presente realizam fusões que externalizam resultados inesperados. Ainda mais quando culturas totalmente adversas estabelecem conexões. Este estudo pode representar os pequenos elementos do cotidiano, que são por nós dados como indiferentes, mas que são fortes artefatos representantes de nossa cultura quando comparada a outra.

As motivações que levaram João a mudar-se para o Brasil, configuram-se em partes pelo seu desejo. No entanto, sua organização possui autoridade para definir os locais, onde os missionários devem cumprir suas missões. Felizmente, João pode territorializar-se brasileiro. João acha o povo acolhedor, e diz gostar de futebol.

Suas escolhas levaram-no ao sacerdócio pautado sobre os votos de pobreza, castidade e obediência. A falta de sua mãe e vivência em escolas com modelo de internato, puderam contribuir para uma vida desprendida de apegos, mas sempre compartilhada com pessoas fora do seu círculo familiar.

João trabalha para a Igreja e pela Igreja, não a vê como um trabalho, mas como uma vocação. Seu ordenado, sob promessas de pobreza, castidade e obediência, coloca-o em situação submissa. Entretanto, a base que sustenta toda a arquitetura financeira da Igreja Católica está na fala e poder de persuasão dos vigários e párocos, para que fieis mantenham-se ativos na comunidade. Desse modo, ao compreender um pouco da vida de um vigário, é possível inferirmos que a escassez de sujeitos dedicados à vida ordenada esteja ligada aos rígidos padrões de formação dos futuros vigários.

As limitações da pesquisa circundam a falta de uma vivência maior com o sujeito de pesquisa, tanto por questões éticas que vetam o acompanhamento de algumas atividades do vigário, como a falta de tempo hábil para a efetivação de um estudo etnográfico, que pudesse compreender questões psíquicas mais complexas do vigário. João ouve a todos, porém quem o ouve? Esperamos que estudos similares a este sejam realizados com os mais diversos trabalhadores, oriundos de outras regiões, demonstrando as práticas do cotidiano que determinam o processo de territorialização de imigrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, V. A. de; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. de. **Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados Eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2014.

CARRIERI, A. de P.; LUZ, T. R. Paradigmas e metodologias: não existe pecado do lado de baixo do equador. **Encontro Anual da ANPAD**, v. 22, 1998.

CARRIERI, A. de P.; SARAIVA, L. A. S.; LIMA, G. C.O.; MARANHÃO, C. M. S. de A. Estratégias Subversivas de Sobrevivência na “Feira Hippie” de Belo Horizonte. **GESTÃO. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. v. 6, n. 2, 2010.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano** (1. Artes de Fazer) 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano** (2. Morar,cozinhar) 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONGREGAÇÃO VERBO DIVINO, **Portal**. 2016. Disponível em:<http://www.verbodivino.org.br/Portal/>.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. **ArtCultura**, v. 15, n. 27, 2013.

GODOI, C. K.; MATTOS, P. L. C. L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. p. 301-320. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (org.). 2.ed. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006.

ICHIKAWA, E. Y.; ANGNES, J. S. A Investigação (Pesquisa) e a Intervenção (Ação) na Perspectiva da Psicologia Social Comunitária: Contribuições e Desafios nos Estudos Organizacionais, 39., 2015. Belo Horizonte - MG. **Anais ...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2015.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

MACHADO, H. V, Identidade Organizacional: um estudo de caso no contexto da cultura brasileira. **RAE-eletrônica**, v. 4, n.1, 2005.

MOTTA, F. C. P.; PEREIRA, L. C. B. **Introdução à organização burocrática**. Thompson, 2004.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**.3ed. Campinas (SP): Pontes; 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, A. C. T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. **SILVA et al. Formas em crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: **Arquimedes**, p. 93-111, 2005.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular: São Paulo, p. 79 - 94, 2009.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. de P.; SOARES, A. de S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do mercado central de belo horizonte. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, 2014.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-116.

OLIVEIRA, J. S. de.; CAVEDON, N. R. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 2, março-abril, p.156-168, 2013.